



EROS EPIFÂNICO: O DESEJO HOMOERÓTICO INFANTIL EM *ANTES QUE ANOCHEZCA*

Nelson Ferreira Júnior¹

Em uma autobiografia, nada pode ser mais convencional que dispor a matéria narrada a partir da linearidade cronológica dos acontecimentos, mesmo quando se insere uma prolepse inicial para validar a própria escritura do texto. Apesar de seguir esse modelo, por diversos motivos, o relato de Reinaldo Arenas, *Antes que anochezca*², é peculiar.

Logo nas primeiras páginas, o leitor descobre que o que motivou a finalização da escritura é a morte iminente do autor, vitimado pelas consequências físicas, emocionais e sociais da AIDS. Essa, por sua vez, é descrita por Arenas com um *mal perfecto* (não natural) que contentaria governantes e classes reacionárias, pois estaria livrando-os da população marginal *que no aspira más que a vivir* (AQA, p. 15). A situação crítica do autor reverberou um livro desavergonhado, confessional, ou, nas palavras de Caio Fernando Abreu (1996, p.117), “destemido, dilacerado, desesperado e sobretudo vivo de vida pulsante, sangrenta.”

Tal como ocorre em muitas autobiografias, além do registro de uma vida, *Antes que anochezca* é também um testemunho excepcional (não-ordinário) de dinâmicas sociais de espaços e épocas, a exemplo do ambiente rural de uma Cuba pré-revolucionária, a ilegalidade de práticas homossexuais no regime castrista e a ida de exilados cubanos para os Estados Unidos. Todo isso é observado, no entanto, através da especificidade do olhar de um escritor profundamente marcado pela experiência do cárcere, da censura a sua obra e da degeneração de sua saúde; mas cujas memórias atestam também o vigor sexual, literário e político de Arenas. Assim, a Revolução não é descrita dos palanques e discursos autorizados, mas sim dos ambientes ao mesmo tempo opressivos e de intensa carga homoerótica. De resto, prevalece um profundo ódio a Fidel Castro, a quem o autor, em sua “carta de despedida”, atribui a total responsabilidade por sua morte.

Acima de tudo, *Antes que anochezca* é motivado pelas experiências sexuais que Arenas atribui a si, motivadas pela lascívia com que ele descreve seu país. Nesse sentido, o ambiente rural onde passara a infância moldou seu imaginário dos prazeres. Nas lembranças do *eu autobiográfico*, o erotismo está presente de modo explícito, seja a partir da observação e contato com a natureza:

¹ Doutor em Letras e professor da Universidade Federal de Campina Grande (UAL/CFP).

² ARENAS, Reinaldo. *Antes que anochezca*. 7. ed. Barcelona: Tusquets Editores, 2008. Para me referir a essa obra, usarei, quando oportuno, a forma abreviada “AQA”.



Creo que siempre tuve una gran voracidad sexual. No solamente las leguas, las puercas, las gallinas o las guanajas, sino casi todos los animales fueron objeto de mi pasión sexual, incluyendo-se los perros. Había un perro que me proporcionaba un gran placer; yo me escondía con él detrás del jardín que cuidaban mis tías y lo obligaba a que me mamara la pinga [...]. Aquella etapa entre los siete y los diez años fue para mí de gran erotismo, de una voracidad sexual que, como ya dije, casi lo abarcaba todo. Abarcaba la naturaleza en general, pues también abarcaba a los árboles. Por ejemplo, a los árboles de tallo blando, como la fruta bomba, yo les abría un hueco y en él introducía el pene. (AQA, p.39)

seja através da descoberta do corpo e do prazer entre os jovens púberes:

El acto consumado, en este caso, la penetración recíproca, se realizó con mi primo Orlando. Yo tenía unos ocho años y él tenía doce. Me fascinaba el sexo de Orlando y él se complacía en mostrármelo cada vez que le era posible [...] Una vez, mientras estábamos encaramados en una mata de ciruela, Orlando me mostraba su hermoso glande [...]; nos bajamos los pantalones y empezamos a masturbarnos. La cosa consistió en que él me la metió y después, a petición suya, yo se la metí a él. (AQA, p.29).

A “precocidade” dessas experiências é justificada pelo narrador – *“hay que tener en cuenta que, cuando se vive en el campo, se está en contacto directo con el mundo de la naturaleza y, por lo tanto, con el mundo erótico”* (AQA, p.39) – sem que isso resulte de um posicionamento moral obtido *a posteriori*. De todo modo, é presumível que, no decorrer de sua vida, Arenas tenha entrado em contato com discursos que modulavam de outro modo o padrão comportamental das crianças e os cuidados que os adultos deveriam ter para assegurar uma infância saudável. É importante nesse ponto compreender melhor tais discursos, historicizá-los e confrontá-los com as imagens apresentadas em *Antes que anochezca*

Sabe-se que a criança, além de ser um dado universal, é também uma construção social historicamente demarcada. Segundo os estudos de Ariès (1981), até a Idade Média, os infantes eram considerados pequenos adultos, sem as demarcações espaciais, comportamentais e mesmo estéticas estabelecidas pela modernidade. Apenas a partir dos séculos XVII e XVIII, a infância passa a ser concebida como período de desenvolvimento que necessitaria de atenções especiais para que a criança, vista agora como portadora de extrema fragilidade, se torne um adulto saudável e feliz. Tal mudança transfigurou a criança ora como resquício do *bom selvagem* rousseauiano, ora como matéria prima modelável cuja transformação no produto final necessitaria de instruções, principalmente moralizadoras, para assegurar sua qualidade.

Desse modo, ainda segundo Ariès, duas estratégias foram sendo operadas em relação às crianças: passou-se inicialmente a paparicá-las (quando mais novas, ainda imersas numa espécie de anonimato, as crianças passaram a ser objeto de entretenimento para os adultos) e, a partir de certa idade, enfatizou-se a educação, sendo essa realizada num espaço próprio, a escola, cujos objetivos em relação a *formação do futuro adulto* variavam de acordo com as classes sociais. Em outros termos,



O sentido da inocência infantil resultou portanto numa dupla atitude moral com relação à infância: preservá-la da sujeira da vida, e especialmente da sexualidade tolerada – quando não aprovada – entre os adultos; e fortalecê-la, desenvolvendo o caráter e a razão. Pode parecer que existe aí uma contradição, pois de um lado a infância é conservada, e de outro é tornada mais velha do que realmente é. Mas essa contradição só existe para nós [...]. Nosso sentimento contemporâneo da infância caracteriza-se por uma associação da infância ao primitivismo e ao irracionalismo ou prélogismo.³

Especialmente em relação à sexualidade, vale salientar que, conforme os estudos de Ariès, até o século XVII as crianças eram inseridas naturalmente em brincadeiras que visavam o conhecimento e a percepção dos corpos, incluindo a genitália, sem que isso se configurasse numa atividade erótica. Esse antigo hábito de brincar com o sexo da criança, segundo o autor, manteve resquícios nas atuais sociedades mulçumanas: “essas sociedades se mantiveram alheias não apenas ao progresso científico, mas também à grande reforma moral, inicialmente cristã e a seguir leiga, que disciplinou a sociedade aburguesada do século XVIII e sobretudo do século XIX, na Inglaterra e na França” (ARIÈS, 1981, p. 109).

Essa *grande reforma moral*, na verdade, tem um sentido muito mais abrangente que a proteção da inocência infantil, pois a própria construção das sexualidades – incluindo suas demarcações e implicações de normalidade/anormalidade – é decorrente desse esforço de disciplinamento do corpo e dos prazeres.

Lendo *Antes que anochezca*, no entanto, podemos nos questionar sobre os limites estabelecidos por esta *reforma*, incluindo o vínculo entre práticas e identidades sexuais e a vigilância em torno da sexualidade. No paraíso periférico onde viveu sua infância e na qual “se desenvolveu na absoluta miséria, mas também na mais absoluta liberdade⁴”, Arenas nos apresenta um ambiente no qual uma criança poderia participar de diversas aventuras eróticas – e, mais especificamente, homoeróticas. Um exemplo é a narração de um fato corriqueiro entre o jovem Arenas (com oito anos de idade) e seu tio mais velho, sendo este casado e muito sério, como ressalta o narrador:

Yo iba a veces al pueblo con mi tío Rigoberto. Yo [...] iba sentado con él en la misma montura; inmediatamente que montábamos a caballo, el sexo de mi tío empezaba a crecer [...]; me acomodaba de la mejor manera, me levantaba y ponía mis nalgas encima de su sexo e, al trote del caballo. [...] yo iba saltando sobre aquel enorme sexo que yo cabalgaba, viajando así como si fuese transportado por dos animales a la vez. (AQA, p. 40)

Sobre o episódio, é importante destacar que, para o narrador autobiográfico, não se trata de uma experiência traumática, tampouco de uma explicação para sua homossexualidade. Tal relato, portanto, deve ser compreendido fora do contexto moral moderno que disciplinou corpos, usos e

³ ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. 2.ed. Rio de Janeiro: LCT, 1981, p.125.

⁴ No original: “*se desarrolló en la absoluta miséria, pero también en la absoluta libertad*” (AQA, p.22)



prazeres nas diversas esferas disciplinares. O *paraíso periférico* recordado por Arenas parece estar demasiadamente isolado dos grandes centros urbanos e, por isso, distante dos discursos da Psicologia, do Direito, da Pedagogia e de todas as outras instâncias que se voltaram para a proteção da inocência infantil.

Tal característica torna peculiar a representação da homossexualidade em *Antes que anochezca*, pois podemos perceber que, na obra, o processo de atribuição de identidades sexuais não segue o padrão estabelecido pela *scientia sexualis* desenvolvida no ocidente. Afinal, o narrador autobiográfico, ao mesmo tempo em que ressalta o machismo predominante do lugar, subordina-o à exuberância sexual dos homens do campo: “*creo que en el campo son pocos los hombres que no han tenido relaciones con otros hombres; en ellos los deseos del cuerpo están por encima de todos los sentimientos machistas que nuestros padres se encargaron de inculcarlos.*” (AQA, p.40). Isso explica o fato de as aventuras eróticas realizadas durante as viagens com o sobrinho não causarem nenhum conflito em Rigoberto: “*al llegar a la casa, Coralina, su esposa, lo recibía con los brazos abiertos y daba un beso. En aquel momento, todos éramos muy felices.*” (AQA, p.40).

Nesse ponto, é preciso ressaltar que a fixação de identidades sexuais distintivas e hierarquizadas ocorreu apenas a partir do séc. XIX, especificamente nas sociedades industrializadas ocidentais, onde, segundo Weeks (2007, p.65) “se desenvolveu uma categoria homossexual distintiva e uma identidade a ela associada”. Afinal, ainda conforme o sociólogo, o desenvolvimento das cidades e, conseqüentemente, as possibilidades de se ter ao mesmo tempo interação social e anonimato ofereceram as condições necessárias para o desenvolvimento de uma subcultura homossexual. Não é por acaso que a quase totalidade de representações literárias da homossexualidade ocorre no meio urbano, mesmo quando as personagens precisem se afastar desse espaço para vivenciarem suas experiências longe de vigilâncias e punições.

Além da presença do homoerotismo numa ambientação bucólica, *Antes que anochezca* também é excepcional por apresentar relações homoeróticas envolvendo crianças. Dupla interdição, porque nesses casos estão associados dois dos quatro grandes programas de disciplinamento do sexo que, segundo Foucault⁵, foram postos em ação a partir do século XVII, sendo estes: *histerização do corpo da mulher, pedagogização do sexo da criança, socialização das condutas de procriação e psiquiatrização do prazer perverso*. Em relação à pedagogização do sexo da criança, Foucault observa haver duas proposições:

⁵ FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.



de que quase todas as crianças se dedicam ou são suscetíveis de se dedicar a uma atividade sexual; e de que tal atividade sexual, sendo indevida, ao mesmo tempo “natural” e “contra a natureza”, traz consigo perigos físicos e morais, coletivos e individuais; as crianças são definidas como seres sexuais “liminares”, ao mesmo tempo aquém e já no sexo, sobre uma perigosa linha de demarcação; os pais, as famílias, os educadores, os médicos e, mais tarde, os psicólogos, todos devem se encarregar continuamente desse germe sexual precioso e arriscado, perigoso e em perigo.⁶

Sobre a psiquiatrização do prazer perverso, que deu origem, dentre outras categorizações, ao binarismo heterossexual/homossexual, Foucault complementa: “o instinto sexual foi isolado como instinto biológico e psíquico autônomo; fez-se a análise clínica de todas as formas de anomalia que podem afetá-lo; atribuiu-se-lhe um papel de normalização e patologização de toda a conduta; enfim, procurou-se uma tecnologia corretiva para tais anomalias”⁷.

Assim, se de um lado a sexualidade na infância é objeto de atenção e cuidado, a homossexualidade se tornou a mais profícua perversão sexual, visto que ela deu origem aos mais prolixos discursos de implantação da sexualidade. Em outros termos: ao passo que a infância saudável se tornou condicionante para a sexualidade adequada, a homossexualidade foi esquadrihada como anomalia que requer diagnóstico apurado (torna-se imprescindível que pais, vizinhos, professores, amigos, conhecidos e desconhecidos reconheçam o homossexual) e tratamento especializado (os diversos métodos de *cura* ou de *isolamento* aos quais os homossexuais já foram submetidos).

Por isso, a narração do desejo e das experiências homossexuais de um menino de oito anos, como no caso de *Antes que anochezca*, é profundamente inquietante. Tanto a imagem da criança que ainda não tem domínio completo da sexualidade quanto a da homossexualidade masculina sempre relacionada ao homem adulto são desconstruídas. Soma-se a isso o peso do valor de *realidade* presente para os leitores de uma autobiografia. Trata-se afinal de uma criança que, mesmo antes da puberdade, experimenta o sexo como sujeito de seu próprio corpo e plenamente consciente de seu desejo.

Isso não significa, contudo, que o duplo insulamento a que estava submetido o jovem Reinaldo Arenas (morar na zona campesina de uma ilha subdesenvolvida) o protegesse completamente dos discursos que modelam as identidades sexuais. Nesse sentido, a adolescência, principalmente após a mudança da família para Holguín, representou para ele o contato tardio com os limites impostos a sua vivência afetivo-sexual: namoros platônicos, medo de descobrirem que as mulheres não lhe atraíam e finalmente o momento em que lhe atribuíram uma identidade:

⁶ Ibid., p.115.

⁷ Ibid., p.116.



Un día, mientras la maestra de anatomía repetía su mamotreto, un compañero de mi clase se sentó junto a mi pupitre y con un diabolismo absolutamente sincero me dijo: “Mira, Reinaldo, tú eres pájaro ¿Tú sabes lo que es un pájaro? Es un hombre al que le gustan los otros hombres. Pájaro; eso es lo que tú eres”. (AQA, p.61)

O narrador silencia em relação à repercussão psicológica disso a que os linguistas denominam *ato de linguagem*: um enunciado portador de valor ilocutório que, no caso, se reveste do poder de atribuição de uma identidade. De todo modo, é evidente que por trás da fala do colega de sala havia uma série de discursos com os quais Reinaldo não estava acostumado e que ele não poderia negar: ele era um *pájaro* e, na continuação de sua história de vida, ele também teve que pagar o preço para viver sua liberdade sexual numa sociedade que iria se tornar cada vez mais repressora, especificamente após a implantação do regime castrista.

No entanto, o momento mais simbólico da descoberta do prazer na infância lembrada de Arenas é outro. Trata-se do episódio no qual o jovem, com então seis anos de idade, no dia de *San Juan* (quando os moradores das redondezas costumavam tomar banho no *Río Lirio*), vê uma cena que, segundo o narrador, ele nunca irá esquecer:

Yo iba caminando por la orilla acompañado por mi abuela y otros primos de mi edad cuando descubrí a más de treinta hombres bañándose desnudos. Todos los jóvenes del barrio estaban allí, lanzándose al agua desde una piedra.

Ver aquellos cuerpos, aquellos sexos, fue para mí una revelación: indiscutiblemente, me gustaban los hombres; me gustaba verlos salir del agua, correr por entre los troncos, subir a las piedras y lanzarse; me gustaba ver aquellos cuerpos chorreando, empapados, con los sexos relucientes. Aquellos jóvenes retozaban en el agua y volvían a emerger y se lanzaban despreocupados al río. Con mis seis años, yo los contemplaba embelesado y permanecía extático ante el misterio glorioso de la belleza. Al día siguiente, descubrí el “misterio” de la masturbación; desde luego, con seis años yo no podía eyacular; pero, pensando en aquellos muchachos desnudos, comencé a frotarme el sexo hasta el espasmo. (AQA, p.25)

Este é o momento da *epifania* – “manifestação ou percepção da natureza ou do significado de uma coisa”⁸ –, da descoberta de si e da beleza do mundo, quando, por um instante, ele permanece *encantado e extático* diante da imagem dos homens que iriam habitar sua imaginação, num ponto em que não há distinção entre afeto e erotismo: dias depois, conta-nos o narrador, Reinaldo utilizaria garrafas vazias para representar os rapazes e dar suporte a sua fantasia romântica, na qual um daqueles se apaixonava por ele e o leva para o mato. A partir dessa revelação, em nenhum momento é narrada qualquer hesitação do eu autobiográfico em relação a sua sexualidade. Esta, por sua vez, por mais que tenha sido moldada, reprimida e desqualificada como um *prazer perverso*, tem a sua origem nesse instante epifânico, pessoal, íntimo, muito anterior ao evento em que ele foi chamado de *pájaro* na escola.

⁸ DICIONÁRIO Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa. (v.2.0) Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.



A descoberta do desejo homoerótico na infância certamente não é um tema comum na literatura de ficção, tampouco na dita “literatura de testemunho” (na qual se pode situar *Antes que anochezca*). Anderson Nunes da Mata (2006), por exemplo, ao tratar da representação da infância na narrativa brasileira contemporânea, não aponta qualquer exemplo similar ao relato de Arenas⁹, embora, segundo o pesquisador, a produção literária em que se apresenta a sexualidade infantil tenha se avultado no Brasil a partir da década de 1990. De todo modo, Mata (2006) identifica duas formas de abordar a sexualidade infantil nas narrativas literárias:

A primeira é a que expõe o corpo da criança ao desejo sexual do adulto, que quase sempre resvala na violência, vitimizandoo-a[...].

Numa outra chave, porém, há narrativas que buscam explorar a questão a partir da perspectiva do desejo da criança. A princípio não há nelas o efeito de denúncia do abuso decorrente das assimetrias de poder, mas uma capacidade de surpreender pelo inusitado da perspectiva.¹⁰

Essa “capacidade de surpreender”, no caso das memórias de Arenas, é potencializada pelo homoerotismo, pois esse é apresentado como um aspecto próprio de um menino que se coloca como sujeito de sua própria sexualidade. Nesse sentido, *Antes que anochezca* contrasta com a perspectiva dominante que percebe a sexualidade infantil como algo que precisaria ser preservada da corrupção: no caso da sexualidade infantil feminina, o grande risco seria sua precoce submissão ao desejo do homem adulto; no caso da masculina, seria a *inversão sexual* e a perda da virilidade. Na literatura brasileira, o exemplo mais significativo dessa inquietação acerca da virilidade sexual do jovem púbere, ameaçada pela perversão homossexual, é o romance *O Ateneu*, de Raul Pompéia.

Arenas, por sua vez, ofereceu ao mundo um exemplo de resistência às várias formas de dominação a que foi submetido durante sua vida. As leituras que foram feitas de sua autobiografia, incluindo a seleção das cenas incluídas/excluídas do filme *Before Night Falls*¹¹, têm privilegiado as consequências da postura política do escritor: sua prisão, a censura as suas obras e principalmente a experiência do exílio. Esses temas, no entanto, não devem ser desvinculados de sua exuberante vivência sexual, que constitui o símbolo maior da liberdade que ele tanto prezou. Nesse sentido, narrar a descoberta do desejo homossexual ainda na infância representa mais que uma exigência biográfica. Trata-se da única réplica possível para todos aqueles que usaram palavras ou armas para reduzi-lo a um nome; afinal, no campo semântico de *pájaro* – ou de qualquer outro termo criado

⁹ Apesar de serem raros, não se deve supor a inexistência de exemplos de representações homoeróticas infanto-juvenis na literatura brasileira. Cito, como exemplo, dois contos: “Crianças”, de João Silvério Trevisan (1997) e “Pequeno Monstro”, de Caio Fernando Abreu (1998).

¹⁰ MATA, Anderson Luís Nunes da. *O silêncio das crianças: representações da infância da narrativa brasileira contemporânea*. 2006. 116 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Programa de Pós-Graduação em Literatura, Universidade de Brasília, Brasília, 2006, pp.78-79.

¹¹ Em português: *Antes do anoitecer* (2000)



para simplificar a singularidade da existência humana – não há espaço para o *mistério glorioso da beleza*.

Bibliografia

ABREU, Caio Fernando. Pequeno monstro. In: _____. *Os dragões não conhecem o paraíso*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, pp.125-146.

_____. Um uivo em memória de Reinaldo Arenas. In: _____. *Pequenas epifanias*. Porto Alegre: Sulina, 1996, pp.117-119.

ANTES DO ANOITECER. Before night falls. 20th Century Fox. EUA, 2000. São Paulo: Fox Filmes, 2000. DVD (133 min.), color.

ARENAS, Reinaldo. *Antes que anochezca*. 7. ed. Barcelona: Tusquets Editores, 2008.

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. 2.ed. Rio de Janeiro: LCT, 1981, p.125.

DICIONÁRIO Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa. (v.2.0) Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

MATA, Anderson Luís Nunes da. *O silêncio das crianças: representações da infância da narrativa brasileira contemporânea*. 2006. 116 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Programa de Pós-Graduação em Literatura, Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

TREVISAN, João Silvério. Crianças. In: _____. *Troços e destroços*. Rio de Janeiro: Record, 1997, pp.9-25.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: Guacira Lopes Louro (Org.). *O corpo educado*. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, pp.35-82.